



**Revista indexada em:**

**CREFAL** (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) -

<http://www.crefal.edu.mx>

**DIALNET** (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

**GeoDados** - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**IRESIE** (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

**LATINDEX** (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

**CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil): <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/> - WebQualis/áreas de conhecimento (triênio 2010-2012) - **Qualis/Educação:**

**B4, Qualis/Psicologia: B3, Qualis/História: C e Qualis/Artes – Música: C**

**Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico** Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*: Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos

**Editora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>  
<http://www.valdeci.bio.br>

**n. 12 (jan. - jun. 2012), jun./2012**

**“TESSITURAS AFETIVAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO:  
APRESENTAÇÃO DA OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU NO EVENTO CAFÉ  
COM LIVROS”**

**“AFFECTION AND KNOWLEDGE PRODUCTION: THE PRESENTATION OF CAIO  
FERNANDO ABREU’S LITERARY WORK AT THE CYCLE CAFÉ COM LIVROS”**

**Thais França**

Doutoranda do Programa “Relações de Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo” do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (CES/UC) (PT)

E-mail: [francathais@yahoo.com.br](mailto:francathais@yahoo.com.br)

## **RESUMO**

As epistemologias feministas e pós-coloniais têm mostrado o papel fundamental dos afetos, das experiências individuais e das biografias no processo de produção do conhecimento científico. O ciclo “Café com Livros” promovido pela Biblioteca Norte/Sul do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra de Portugal é um evento que objetiva promover o diálogo entre literatura e ciência. A partir da minha participação na sessão inaugural do referido Ciclo e com base em uma abordagem metodológica qualitativa, utilizo-me das técnicas da auto-reflexividade e da narrativa biográfica para apresentar a obra do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu e

discutir o valor da dimensão pessoal no processo de produção de um conhecimento amplo e crítico.

Palavras-chave: Literatura. Ciência. Subjetividade.

## ABSTRACT

Feminist and postcolonial epistemologies and have shown the fundamental role of emotions, experiences and individual biographies in the production of scientific knowledge. The cycle "Café com Livros" sponsored by the North / South Library at the Center for Social Studies, University of Coimbra, Portugal is an event that aims to promote the dialogue between literature and science. From my participation in the inaugural session of the cycle and based on a qualitative methodology such as reflexivity and biographical narrative to present the literary work of the Brazilian writer Caio Fernando Abreu. It also intends to reflect on the role of personal aspects in the process of knowledge production.

Key words: Literature. Science. Subjectivity.

## APRESENTAÇÃO

Só compreendi dias depois, quando um amigo me falou - descuidado, também - em pequenas epifanias. Miudinhas, quase pífias revelações de Deus feito jóias encravadas no dia-a-dia (Caio Fernando Abreu).

O presente texto resulta da minha participação no ciclo “Café com Livros” (Figura 1), promovido pela Biblioteca Norte/Sul (BN/S) do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC) de Portugal, onde atualmente realizo meu doutorado na área de sociologia do trabalho, gênero e migrações. A sessão inaugural do dia 12 de janeiro de 2012 foi composta pela Professora Maria Strecht, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, pelo Professor Boaventura Sousa dos Santos, diretor do CES/UC e por mim, Thais França, estudante do programa de doutorado “Relações de trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo” do CES/UC. Contou também com uma biblioteca cuidadosamente organizada, um público interessado e atento. Durante cerca de vinte minutos, cada um de nós falou sobre seus livros e ao final fomos agraciados/as com o som do alaúde de Khalid Fekhari, do Instituto Piaget. O cheiro de café perfumava o ar.

Figura 1: Identidade visual do evento Ciclo “Café com Livros”



Fonte: Arquivo do Evento “Café com Livros”

O projeto acontece na própria BN/S (Figuras 2 e 3), depois do expediente laboral (21h às 23h), sendo composto por quatro sessões a decorrer ao longo do ano de 2012. Consiste em três convidados/as (um/a investigador/a do centro, um/a utilizador/a frequente da biblioteca e um/a convidado/a externo/a) que apresentam um ou vários livros importantes em sua vida, “livros de trabalho, de ficção ou simplesmente uma citação ou um excerto marcante que cabe em escassas linhas da página de um livro” (CICLO CAFÉ COM LIVROS, 2012) e finaliza com uma atividade de intervenção cultural.

Figuras 2 e 3: Hall de Estudos da BN/S (CES)



Fonte: Arquivos da BN/S(CES)

Porém, mais do que uma conversa acerca de livros, o ciclo promove um encontro de diferentes saberes, uma apropriação outra da biblioteca e possibilita pensar os livros para além de referências, informações ou teorias, pois como nos ensina a música de Caetano Veloso (1999, faixa 2):

[...] os livros que em nossa vida entraram/ São como a radiação de um corpo negro/ Apontando pra a expansão do Universo/ Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso/ (E, sem dúvida, sobretudo o verso)/ É o que pode lançar mundos no mundo.

Concebo a biblioteca como sendo um importante espaço na incansável atividade de produção da ciência, comparável apenas ao próprio campo onde confrontamos nossas hipóteses e teorias com a realidade. É o local para onde recorremos em busca de novos (ou velhos) referenciais teóricos para acalmar nossa angustia quando o campo nos surpreende e desconstrói aquilo que tínhamos, tão cuidadosamente, preparado em nossos projetos; quando o campo nos é incognoscível; quando o campo nos desafia. Ou seja, sempre. É um ambiente onde, tradicionalmente, impera uma cultura de silêncio, discrição e sussurros, mas, apesar disso, como que de uma maneira mágica, transforma-se em um lugar de afetos. A frequência com a qual visitamos nossas bibliotecas permite que nos tornemos íntimos/as com seus cheiros, cores, sons e disposição, ao mesmo tempo que passamos a compor seu cenário.

Para a comissão organizadora do Ciclo “Café com Livros” (2012)

Figura 4: Símbolo da BN/S (CES)



A Biblioteca Norte/Sul (Figura 2), mais do que um reservatório de livros e de conhecimentos, é o maior espaço comum do Centro de Estudos Sociais, um espaço de procuras, de trânsito, de encontros, de descobertas, de silêncios e de palavras. Muitas palavras caladas à espera de quem as requisite, lhes dê vida e as devolva ao silêncio. Sem que nos apercebamos, ao entrar na biblioteca penetramos um pequeno mundo aglutinador de vários mundos ordeiramente arrumados em estantes. Para quem dela faz uso, quotidiano ou esporádico, é um espaço de afetos, de cumplicidades, de conversas surdas feitas de trocas de olhares entre os/as que por ali se sentam ou percorrem corredores.

Fonte: Arquivos da BN/S (CES).

Ao longo de uma carreira acadêmica os livros não figuram apenas como fontes de informação, transformam-se em elementos constituintes de nós mesmos. As sessões do “Café com Livros” possibilitam refletir acerca de uma dimensão mais profunda e subjetiva desses “objetos letrados”, que em geral nos passa ao largo: livros ultrapassam as referências bibliográficas, são mobilizadores de afetos; compreendendo afetos, aqui, no sentido proposto por Deleuze e Parnet (1998, p. 73-74):

Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria).

O manuscrito apresentado por mim no evento não se enquadra nos moldes acadêmicos tradicionais. É um texto escrito em primeira pessoa, ausente de pesadas referências teóricas, dotado de uma tônica pessoal e afetiva. Mas não considero que por isso sua qualidade e rigor sejam menores. Acredito que uma dimensão autobiográfica sempre está presente no processo de produção do saber (ESTANQUE, 2004), possibilitando o estabelecimento de ligações entre o saber acadêmico e o saber experiencial dos sujeitos (LECHNER, 2009). Pois, como afirma Cunha (2010, p. 78) as histórias pessoais são inerentes ao conhecimento:

O entendimento não é uma entidade derivativa de uma razão purificada na assepsia do isolamento do mundo mas um processo contextualizado em que a racionalidade individual se encontra sujeita a constantes intromissões, interferências da razão de outrem. São as histórias recentes e longínquas, as experiências e um contingente de subjectividades, para usar as palavras de Donna Haraway, que a tornam relacional e, ao mesmo tempo, ter uma dimensão biográfica que não pode ser descartada.

Identifico minha produção com aquilo que estudiosos/as da literatura denominam “literatura literária”, compreendendo o texto literário como um discurso que se destaca por uma elaboração artística diferenciada e que é capaz de proporcionar no público um prazer estético (CRUZ, 2007), ou seja, conduz a apropriação de uma experiência do sentido do mundo. “Para o sujeito, a experiência estética consiste em sentir e saber que seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio” (AGUIAR, 2007, p. 34). O texto apresentado no Ciclo “Café com Livros” constrói uma paisagem literária que viaja por diversos livros inscritos em minhas memórias afetivas até chegar naquele que consagro como sendo meu porto seguro. Dessa maneira, declaro abertamente seu caráter autobiográfico e aproximo-me do que Santos (2002, p. 37) denomina “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, no qual todo conhecimento é autoconhecimento.

Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. A razão por que privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controle dos fenômenos nada tem de científico. É o juízo de valor. A explicação científica dos fenômenos é autojustificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade. A ciência é, assim, autobiográfica (SANTOS, 1998, p. 67-68).

A ênfase dada à dimensão pessoal, às sensações e impressões baseia-se na compreensão de que um saber a serviço da mudança social “não descarta os sentimentos, mas sim, os valoriza e os coloca em evidência” (BENZAQUEN, 2008, p. 22). Isto é, concebe a experiência afetiva como mais do que necessária para a construção de práticas que levam a outras possibilidades de produção e socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a pergunta colocada por Deleuze e Parnet (1998, p.74) “De que afetos você é capaz?” funciona como uma provocação que nos obriga a (re)pensar nosso compromisso com o saber. É possível traduzi-la como: “A qual ciência você serve?”; “Que conhecimento você constrói?”; “Que saber você semeia?”. E como ambos nos advertem, “afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação” (DELEUZE; PARNET 1998, p. 75) não é uma tarefa fácil; logo é de se esperar que produzir conhecimento crítico, responsável e sensível também não o seja.

O exercício de uma escrita que não se reduz às formatações exigidas pela ciência moderna clássica e que encontra espaço para o sentir contribui para aquilo que Santos (1994) chama de transição paradigmática do conhecimento-regulação para o conhecimento-emancipatório. É, portanto, uma prática de descolonização do saber, que abre espaço para que diferentes perspectivas e concepções acerca dos saberes encontrem-se. E atualmente produzir conhecimento onde se “une ação, ao sentimento e ao pensamento”, tal qual cantam Vinícius de Moraes e Baden Powell (1966, faixa 1) em Samba da Benção é um imperativo.

## FRAGMENTOS DISSO QUE CHAMO “MINHA VIDA”<sup>1</sup> – OU DE MEUS LIVROS.

Eu que sempre critiquei leituras de artigos nas mesas dos congressos, simpósios e conferências e defendia, com unhas e dentes, a importância do espontâneo e do informal, vi-me obrigada a escrever esse texto para não me perder durante nossa conversa.

Dei título, formatei com Times New Roman tamanho 12 e espaçamento 1,5, tive muito cuidado com as vírgulas e quase pus uma referência bibliográfica como se dessa forma fosse possível controlar as emoções. Pois, desde que me fizeram o convite para participar da primeira sessão do Ciclo “Café com Livros”, o nervosismo tomou conta de mim. Falar em nossa própria casa, para nossa gente e ao lado do Professor Boaventura é tarefa bem mais difícil do que parece. Porém, apesar do medo, aceitei de imediato, afinal a um convite feito por pessoas que me são tão caras, eu jamais poderia dizer não. Ao mesmo tempo, sua delicadeza é tão tocante que seria pecado recusá-lo, uma vez que, como diz Valter Hugo Mãe (2011, p. 71), “os livros, mesmo no escuro e mesmo assim fechados, sempre me fizeram companhia”.

Durante dias, perguntei-me o que eu poderia oferecer para honrar a grandeza do convite e das pessoas com quem dividiria esse momento. Como escolher um único livro, quando minha vida é tão marcada pela literatura?

De início, desejei homenagear quem convidava, falaria de livros portugueses. E porque a prática feminista hoje em dia me atravessa por inteira, foi natural que o primeiro nome que me surgisse fosse o de uma mulher. Nesse caso, a escritora portuguesa Inês Pedrosa, que descreveu com perfeição a atual cidade onde eu moro e pela qual ando perdidamente apaixonada.

Lisboa é uma dessas cidades-manequim de que toda gente é íntima sem nunca a ter visto. Amar uma cidade destas é simultaneamente um orgulho e um vexame, é amar o invejável e o óbvio. As declarações de amor diretas não lhe servem, escorregam pelas suas colinas sonsas, enredam-se nas suas vielas fadistas, tornam-se clichés. Sempre que tentam prendê-la a uma imagem fixa, Lisboa escapa-se a sua alma turbulenta disfarça-se de outro lugar. Foi sempre uma cidade de partida e chegadas, a cidade-porto de onde partiram os navegadores nos séculos XV e XVI, a cidade refúgio dos judeus europeus durante o Holocausto nazi (PEDROSA, 2011, p. 76).

Porém, quando fui convidada para participar do evento, ainda que o livro que eu lesse fosse de literatura portuguesa, as mãos que o escreveram foram mãos de um jovem homem. Naquela ocasião eu lia, pela primeira vez, o último livro do escritor Valter Hugo Mãe, recentemente aclamado pela Festa Internacional Literária de Paraty (FLIP). Digo “pela primeira vez” porque “O filho de mil homens” é um daqueles livros que lemos repetidas vezes, em uma tentativa de eternizar sua delicadeza dentro de nós. Seu enredo é terno e comovente, nos fazendo lembrar que a felicidade é possível. Acontece que tive medo de que ao narrar a história de Crisóstomo, “o homem que com seu inusitado entusiasmo mudou o mundo (MÃE, 2011, p. 32)” (e a mim) e que ao beijar seu filho antes de dormir lhe disse: “nunca limites o amor, filho, nunca por preconceito algum limites o amor. [...] Porque é o único modo de também um dia, te sentires o dobro do que és” (MÃE, 2011, p. 56), eu me emocionasse e começasse a chorar – o que isso seria uma performance um tanto vergonhosa.

---

<sup>1</sup> A frase original é da crônica Pequenas Epifanias do Caio Fernando Abreu (2006, p. 21) “fragmentos disso que chamamos “minha vida””.

Pensei em resgatar algum dos clássicos – o Hemingway ou o Dostoievski, fui de Moby Dick a Lolita – contudo, tenho que confessar que nunca fui muito chegada aos clássicos, não ia ser uma fala de coração. E acredito que esse momento, muito mais do que inteligência, pede afetos e cumplicidades.

Quis falar sobre o Cortázar e seu fabuloso Jogo de Amarelinha, livro que eu simplesmente adoro e recomendo. Mas não posso tanto, minha compreensão do mágico mundo do Cortázar sempre foi mais sensorial do que cognitiva, embora esse trecho ecoe repetidas vezes em minha cabeça e alma:

O jogo da amarelinha se joga com uma pequena pedra que é preciso empurrar com a ponta do sapato. Ingredientes: uma calçada, uma pedrinha, um sapato e um belo desenho feito com giz, preferivelmente colorido. No alto fica o Céu, embaixo a Terra, é muito difícil chegar com a pedrinha ao Céu, quase sempre se calcula mal e a pedra sai do desenho. Pouco a pouco, porém, vai-se adquirindo a habilidade necessária para salvar as diferentes casinhas (caracol, retângulo, fantasia, esta pouco usada) e um dia se aprende a sair da Terra e levar a pedrinha até o Céu, até entrar no Céu [...]; o pior é que justamente nesse momento quando quase ninguém aprendeu a levar a pedra até o Céu, a infância acaba de repente e se chega aos romances, à angústia do divino foguete, a especulação de outro Céu ao qual também é necessário aprender a chegar. (CORTAZÁR, 2006, p. 182).

Imaginei que poderia trazer algo da chamada literatura africana, mas conheço tão pouco desse mundo e jamais ousaria falar sobre os livros do Mia Couto, algumas coisas parecem que conservam um certo ar de sagrado em si.

E ainda tinha o Sepúlveda, o Calvino, o Gabriel Garcia Marques, a Isabel Allende e tanta gente mais. Contudo, ao olhar para minhas leituras nesses últimos 6 anos, desde que saí do Brasil<sup>2</sup>, percebi que o que mais tenho lido é literatura brasileira, bem como a música que mais escuto é música brasileira e minha tese de doutorado é sobre mulheres brasileiras. Talvez isso seja uma tentativa desesperada do meu inconsciente de preservar um tanto de brasilidade dentro de mim. Afinal, o que justificaria o fato de que eu, uma pessoa que sempre quis partir, fazer tanta questão de carregar comigo o que deixei para trás (se é que algum dia, se deixa para trás o lugar de onde se partiu).

Porém, pelo menos um recorte geográfico eu já tinha feito, o que teoricamente facilitaria minha vida, mas só teoricamente, porque o Brasil é grande e mais do que um país grande é um país de grandes livros.

Pensei nos poetas, no Bandeira (1986) e em sua Passárgada, no “Anjo torto” do Drummond (1992), no Manoel de Barros (2001) e seu “Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo” e no Vinícius que, mais do que ninguém, tão lindamente escreveu, cantou e amou o amor.

Eu sei e você sabe que a distância não existe/ Que todo grande amor só é bem grande se for triste [...].  
Assim como o poeta só é grande se sofrer/ Assim como viver sem ter amor não é viver/ Não há você sem mim, eu não existo sem você.  
(MORAES e JOBIM, 1958, faixa 7)

---

<sup>2</sup> Minha cidade natal é Fortaleza e desde 2006 estou fora do Brasil envolvida em atividades acadêmicas.

Mas já faz tempo que não leio meus poetas.

Desejei trazer a Clarice Lispector que é preciosa e profunda, porém para falar sobre a Clarice é preciso muito mais do que desejo.

Espremi de todas as formas os olhos azuis do autor Chico Buarque, mas sua prosa não me convence tanto quanto seus versos e sua música – ainda que o júri do prêmio Jabuti diga o contrário.

E por muito pouco não trouxe João Guimarães Rosa; o João “[...] fabuloso, fabulista, fábula” de Drummond (1992, p. 934). Seus neologismos, seu imaginário do sertão – o sertão que é um mundo –, a advertência de que viver é perigoso e a lembrança de que “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2005, p. 448).

Porém, quando estava quase decidida a apresentar o universo roseano, lembrei de um autor gaúcho, Caio Fernando Abreu, que conheci há alguns anos, mas com quem tenho uma intimidade de amigos de longas datas, pois parece que algumas pessoas a gente ama precocemente.

É verdade que ainda hesitei um pouco, porque a obra de Caio foi tragada pelo *twitter* e do *facebook*, da mesma forma como aconteceu com Cecília Meireles, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes, João Ubaldo Ribeiro e alguns outros “pobres coitados”. Suas frases são, levemente, citadas em todos os lugares e tantas outras frases lhe são atribuídas de forma infame e errônea. Mas o amor é assim mesmo, requer dedicação para aprender novas formas de olhá-lo, mesmo quando, às vezes, parece que se tornou vulgar.

Uma vez, uma amiga estudiosa da obra de Caio Fernando Abreu, disse-me que Caio a gente não divide com todo mundo, por medo de que seus textos fiquem comuns, ordinários e prosaicos. Ela tem razão e por isso mesmo eu escolhi-o, sinto como se assim oferecesse o melhor de mim e retribuísse a grandiosidade do convite.

Mais ainda, para além da beleza de seus escritos, os livros do Caio me são especiais pela forma como os adquiri. Morto em 1996, durante os primeiros anos do ano 2000, sua obra andava um tanto esquecida. Caio era um autor do mundo cão, da literatura gay e da solidão urbana. As editoras não tinham mais interesse em publicar seus livros e o Brasil parecia ainda não ter entendido o que aquele rapaz alto, magro, de aparência um tanto estranha e que aos 48 anos de idade morreu de AIDS tinha a dizer. Atualmente, isso mudou, Caio é cada vez mais reconhecido pela crítica literária e pela academia, seus livros têm sido reeditados e vários estudos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado sobre seu legado têm surgido. Mas naquela época, encontrar algum exemplar da obra de Caio Fernando Abreu para vender era uma tarefa tão difícil quanto as bibliografias em árabe.

E minha cidade não facilitava muito, pois se as livrarias de qualidade eram poucas, alfarrábios eram raridades. Um livro hoje, outro não sabia quando, parecia impossível. Até que encontrei um site de um alfarrabista no Mato Grosso, em Cuiabá que resolveu ajudar-me. Ao longo de alguns anos, de vez em quando, recebia um e-mail do senhor Rodrigo avisando que mais um alguém havia deixado outro livro do Caio e perguntando se eu ainda tinha interesse. De pronto, respondia que sim, sem saber o preço ou em que estado o livro se encontrava. Até recebê-lo, eu era só anseios. Nesse mundo globalizado e competitivo, quando não mais exercitamos o tempo da contemplação, a espera entre a postagem e a chegada dos livros me permitia criar expectativas sobre o que viria, imaginar como seriam os contos, do que eles falariam, a história de suas personagens. Admito que hoje em dia quando compro na internet um livro para minha tese não sinto esse mesmo entusiasmo.

Quando me enviou um dos principais livros de sua obra chamado “Os dragões não conhecem o paraíso” (ABREU, 1988), seu Rodrigo disse no e-mail “esse vai premiado” e fiquei esperando o tempo dos correios para entender o que ele queria dizer. Com o livro nas minhas



mãos, ao abrir a primeira página compreendi o prêmio inestimável que tinha recebido, o livro vinha autografado: “A Elisa, pela felicidade dos seus dragões”. Emocionante, meu livro passou pelas mãos do meu autor.

Os defensores e defensoras dos kindle, e-books e similares que me perdoem, mas a experiência de um livro vai muito além do que o ato de ler. Meus livros do Caio não são só meus, além das histórias escritas, eles contam sua própria história, contam a história de um outro alguém antes de mim. Porque será que ela resolveu vender o livro autografado? Será que foi presente do ex-amor, que agora não ama mais? Será que se converteu a alguma religião que não permite ler livros mundanos? E quem grifou no *Estranhos Estrangeiros* “Sem pensar em nada mais, fecho os olhos para esquecer. Dorme, menino, repito no escuro, o sono também salva. Ou adia.” (ABREU, 1996, p. 31) do que queria ele se salvar? O que queria ele esquecer? E a mancha de chá em todas as páginas do “Morangos Mofados” (ABREU, 1982), terá ela derramado quando foi apoiar o livro na mesa de cabeceira antes de dormir?

Meus livros do Caio construíram uma cartografia; independentes de mim, conhecem territórios onde nunca estive. Antes do Caio e Seu Rodrigo, Cuiabá era apenas o ponto mais central das Américas, depois deles passou a ser a cidade natal de Caio, ainda que ele tenha nascido mesmo em Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul. E antes de Cuiabá onde terão estado esses livros? O “Inventário do Irremediável” (ABREU, 1970) foi na mala de férias quando elas resolveram viajar para a Chapada Diamantina? “Limite branco” (ABREU, 1970), ele trocou com alguém que conheceu enquanto fazia um mochilão pela América do Sul? E o “Mel e Girassóis” (ABREU, 1988) foi comprado às pressas na livraria do aeroporto antes de embarcar naquela viagem para visitar a avó doentinha no Amapá?

E as dedicatórias. E as datas. Como eu gosto das dedicatórias. Leio na primeira página do “Pedras de Calcutá” (ABREU, 1977): “Cecília, só se ama quem se conhece.” Como assim? Onde foi parar o amor à primeira vista? Ou será que era um amor maduro, daqueles que já duram mais do que o tempo de um beijo e finalmente é possível afirmar que se conhece? 15 de maio de 87. 23 de junho de 1998. 02 de março. 07/10/81. Verão de 99. Desculpem-me mais uma vez quem for a favor do kindle, mas livro a gente dedica, registra nossos afetos para quem irá receber, eterniza o tempo.

Livro a gente empresta, sem precisar de hacker para isso. Embora no quesito emprestar meus livros do Caio, eu não seja lá das melhores. Quem me conhece sabe que a generosidade com que ofereço mimos, presentes, músicas, minha casa e até meus próprios pais é um impulso que não sei controlar. Mas reconheço que com meus livros do Caio eu fico um pouco reticente.

Lembro que uma vez fui passar uma temporada na Itália e emprestei, em regime de consignação, toda a coleção a uma amiga, fazendo ela assinar um documento de que me devolveria os livros logo quando eu chegasse, eu precisava ter essa certeza – pelo menos essa.

Outra vez, emprestei a um querido amigo o livro que compila algumas das cartas que Caio trocou com várias pessoas ao longo de sua vida; atualmente já nem falo mais com o tal querido e até hoje ele nunca me devolveu o livro. Mas caso eu volte de vez para o Brasil não hesitarei nada em marcar um café, com o pretexto de falar das belezuras que tenho visto e, logo, resgatar meu livro.

É verdade que o meu “Dragões”, o tal livro autografado, também está emprestado e posso dizer que eu estou tranquila com isso. Resultado dos anos de análise? Não, não... do meu quarto ele apenas migrou para o quarto ao lado, onde mora o melhor companheiro de apartamento do mundo, ou seja, sei que quando a saudade apertar posso sempre ir lá dar uma folheada.

Caio escreveu em sua maioria contos, narrativas curtas, mas também publicou romances, obras de teatro e crônicas. Suas personagens encontram-se em territórios urbanos e sua escrita é marcada por extrema sensibilidade e emoção. Caio escreveu principalmente nos anos 80, sobre os anos 80, revelando a angústia, o vazio e a confusão de uma geração. Mas se dou essa tônica a

nossa prosa, rápido aproximar-me-ei das críticas literárias, críticas que tanto não sou capaz de fazer, como também não é o propósito do nosso encontro.

Quando o convite para participar do Ciclo “Café com Livros” foi feito, explicaram-me que era para falar de um livro que me marcou. Logo, depois de ter certeza que seria um livro do Caio pensei, ingenuamente, que dali em diante a tarefa seria fácil. Até que me deparei com mais ou menos 15 livros escritos pelo autor e cada livro com pelo menos uns 10 contos, vinte minutos não seriam suficientes. Por isso, achei que seria prudente falar de um só texto.

Se fosse um conto, certamente, seria *Sem Ana Blues* (ABREU, 1988), conto no qual Caio narra de forma magistral o que acontece quando as Anas nos deixam... narra a paralisia, a dor, o gosto da vodka, das lágrimas e do café, os ciclos das anúncias (tarôs e I ching’s: ELA VOLTA, mas ela nunca voltou), os ciclos da humildade (promessa à Santo Antônio, novenas de Santa Rita); narra as sessões de análises, as práticas de yoga; as buscas de curas alternativas (terapias em grupos, patchworks, psicodramas); os novos amigos, as viagens, os amores efêmeros, os novos amores eternos e tudo mais que sucede quando Ana nos deixa, narra inclusive o que acontece tanto tempo depois que Ana nos deixou:

[...] sempre tenho a estranha sensação, embora tudo tenha mudado e eu esteja muito bem agora, de que este dia ainda continua o mesmo, como um relógio enguiçado preso no mesmo momento - aquele. Como se quando Ana me deixou não houvesse depois, e eu permanecesse até hoje aqui parado no meio da sala do apartamento que era o nosso, com o último bilhete dela nas mãos (ABREU, 1988, p.47).

Mas, ao contrário do que se poderia esperar não optei por um conto, mas por uma das crônicas do livro *Pequenas Epifanias* (ABREU, 2006), chamada “Existe sempre alguma coisa de ausente”. Para quem acha que conhece essa frase, provavelmente conhece mesmo, está na porta da casa onde Camille Claudel morou em Paris até ser removida para um hospital mental onde “morreu perdida de amor, de talento e de loucura” (ABREU, 2006, p. 100).

Lembro que a primeira vez que li essa crônica, ela afetou-me de forma profunda, atravessou “mente, alma e corpo”, tal qual propõe o filósofo Spinoza. Fiz exatamente como Caio: “Copiei a frase numa agenda. E seja lá o que possa significar “ficar bem” dentro desse desconforto inseparável da condição, naquele momento justo e breve — fiquei bem.” (ABREU, 2006, p. 100).

Publicada em 1994, no período em que Caio escrevia regularmente no *Jornal do Estado de São Paulo*, é uma crônica curta, uma página e meia, onde ele nos conta sobre uma de suas viagens a Paris, uma daquelas viagens nas quais a “liberdade e falta de laços tão totais tornam-se horríveis, e você pode então ir tanto para Botucatu quanto para Java, Budapeste ou Maputo — nada interessa” (ABREU, 2006, p. 100), como ele mesmo diz. Caio, assim como tantos de nós, sentia uma profunda falta de alguma coisa que nem ele sabia o que era, só sabia que “doía, doía. Sem remédio” (ABREU, 2006, p. 101).

“Algo sempre nos falta — o que chamamos de Deus, o que chamamos de amor, saúde, dinheiro, esperança ou paz. Sentir sede, faz parte. E atormenta.” (ABREU, 2006, p. 101), continua ele.

Há mais de cem anos, um certo senhor que fumava charuto tenta nos alertar que é a falta que nos move (os marxistas, as lutas de classe e os deleuzianos que me perdoem), que somos todos, homens e mulheres, seres faltosos, que não adianta a fuga no trabalho, na religião, na bebida, nos ideais, nos amores, na astrologia ou no consumo, pois nada aplaca essa falta. Mas parece que até os dias de hoje nossa civilização ainda não aprendeu e busca, alucinadamente

sanar a falta, sem saber que ela é estruturante do sujeito, que é da falta que se originam nossos desejos e é a partir dos nossos desejos que nos movemos. Impossível desejar quando nada falta e quando não mais se deseja, morre-se.

Como ensinou-me um amigo, falta é uma espécie de excesso; como o zero que representa o vazio na matemática. Trata-se de uma inscrição e não de algo que tenha sido tirado, extirpado de algum lugar ou corpo.

Ao apropriar-se da frase de Camille, Caio traduz com poesia o que a psicanálise há tantos anos procura nos advertir: nossa jornada não consiste em buscar uma cura para a falta, mas sim de aceitar que algo sempre faltará, que isso não é necessariamente ruim e que é a partir dessa falta que se constroem os desejos e os sonhos. Gosto muito quando a literatura transforma ciência em poesia, por isso escolhi a crônica anterior. E, para o nosso próprio bem, como nos aconselha Caio, guardemos esse recado: “alguma coisa sempre faz falta. Guardemos sem dor, embora doa, e em segredo” (ABREU, 2006, p. 102).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ciclo “Café com Livros” é um encontro fora dos moldes acadêmicos clássicos que objetiva promover uma conversa acerca de livros que os/as convidados/as consideram importantes. Configura-se, portanto, como uma prática de ressignificação do espaço da biblioteca, dos livros e, sobretudo, das formas de produção de saber. A proposta para que se fale livremente acerca de textos, enxertos, livros e citações que marcaram os/as oradores/as abre espaço para que o pessoal, o afetivo e as emoções sejam incorporadas no ambiente acadêmico, contribuindo, dessa forma, para a “construção de um conhecimento prudente”, como ensina o Professor Boaventura de Sousa Santos (1998).

A partir do convite que me foi feito para participar da sessão inaugural do evento, resgatei uma série de autores/as que compõe minha paisagem literária pessoal. A experiência do processo dessa escrita possibilitou-me vivenciar aquilo que denomino “construção de uma biografia literária” que implica não apenas em recuperar o título dos livros que são lidos ao longo de uma vida, mas também, e principalmente, resgatar sensações, afetos, impressões que nascem do encontro com a literatura.

Para tanto, utilizei-me da auto-reflexividade proposta pelas epistemologias feministas, percebendo-a não apenas como um conhecimento em si mesmo, mas como uma possibilidade de indagar a realidade a partir de pressupostos teóricos e também do meu próprio lugar de enunciação. Nesse sentido as dimensões afetivas, biográficas e pessoais foram fundamentais para a construção de um conhecimento sensível, situado e crítico à realidade, que contribui para a emancipação social. Em nenhum momento esse exercício almejou desconsiderar o papel importante da disciplina, do rigor científico e dos debates teóricos na construção da ciência, buscou sim agregar a dimensão pessoal para propor novos modos de significação do saber. Dessa maneira, aproximou-se de uma prática de descolonização de saberes, de valorização das pluralidades e de ampliação do conhecimento.

A literatura é entendida por mim como dotada de uma capacidade de estabelecer ligações entre o saber acadêmico e a experiência subjetiva dos/as leitores/as. Ao percorrer na memória minhas obras prediletas, transgredi alguns dos pressupostos modernos de produção de saberes que advogam por neutralidade, objetividade e separação entre sujeito/objeto, reconstruí parte da minha história pessoal e acredito ter produzido conhecimento vivo. Dessa forma pus em prática um tipo de escrita que reafirma o papel importante das experiências subjetivas e biográficas para a construção de um saber crítico e situado.

Acredito que o caráter literário do texto pode provocar no público leitor um envolvimento ativo, deslocando-o do lugar de passividade e possibilitando um processo de ressignificação do texto a partir de suas próprias experiências. Ao elencar tão vasta e diversa lista de autores/as, dificilmente, o público não reconhecerá pelo menos um livro, dessa maneira, abre-se um caminho para que leitores e leitoras trilhem de forma autônoma suas biografias literárias. Caso a identificação não aconteça, é no despertar da curiosidade literária do público em que eu aposto.

A escolha da obra de Caio Fernando Abreu como sustentáculo do desenvolvimento de minhas reflexões, deu-se, primeiramente, por uma questão pessoal, porém é indissociável da qualidade dos escritos do autor, bem como do reconhecimento que vem assumindo cada vez mais no cenário literário nacional. Logo, o texto apresentado cumpre mais uma função, contribui para a divulgação do legado de Caio Fernando Abreu.

Posto isso, assim como Caio, despeço-me. “Curvo a cabeça, agradecido. E se estendo a mão, no meio da poeira de dentro de mim, posso tocar também em outra coisa. Essa pequena epifania. Com corpo e face. Que reponho devagar, traço a traço, quando estou só e tenho medo. Sorrio, então” (ABREU, 2006, p. 23).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Inventário do irremediável**. Porto Alegre: Movimento, 1970.

\_\_\_\_\_. **Limite branco**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultural, 1970.

\_\_\_\_\_. **Pedras de calcutá**. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.

\_\_\_\_\_. **Morangos mofados**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. Sem Ana Blues. In: \_\_\_\_\_. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 41-49.

\_\_\_\_\_. Bem longe de Marienbad. In: \_\_\_\_\_. **Estranhos estrangeiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17-43.

\_\_\_\_\_. Existe sempre alguma coisa de ausente. In: \_\_\_\_\_. **Pequenas epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 100-102.

\_\_\_\_\_. Pequenas Epifanias. In: \_\_\_\_\_. **Pequenas epifanias**, Rio de Janeiro: Agir. 2006. p. 21-23.

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura e Conhecimento. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 26-41, dez, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia e prosa completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

BANDEIRA, Manuel. **Bandeira a vida inteira**. Rio de Janeiro: Editora Alumbamento, 1986.

BARROS, Manuel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BENZAQUEN, Júlia. Figueiredo.. As vozes-saberes do musseque do mundo. Ampliar a audição através de uma leitura de Luandino Vieira. **E-cadernos CES**, nº 2. 2008. Disponível: <[http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/pages/pt/artigos\\_por\\_autor/julia-figueredo-benzaquen.php](http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/pages/pt/artigos_por_autor/julia-figueredo-benzaquen.php)>. Acesso em: 25 fev. 2012

CICLO CAFÉ COM LIVROS. **Café com livros**. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/eventos/?id=4693&id\\_lingua=1](http://www.ces.uc.pt/eventos/?id=4693&id_lingua=1)>. Acesso em: 25 fev. 2012.

CORTÁZAR, Júlio. **O jogo de amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CRUZ, Maria Fátima Berenice. Reflexões sobre a leitura literária no nordeste do Brasil. **Seara - Revista virtual de Letras e Cultura**, Salvador, p. 01-06, 10 out, 2007.

CUNHA, Teresa. **Para além de um índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de autoridade e poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste**. 2010. 326 f. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global) – Programa de Doutorado em Pós Colonialismos e Cidadania Global, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ESTANQUE, Elísio. Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 71, p. 113-140, 2004.

LECHNER, Elsa. Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributos para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.85, p. 43-64, 2009.

MÃE, Valter. Hugo. **O filho de mil homens**. Madrid: Aleaguara, 2011.

MORAES, Vinícius; JOBIM, Tom. Eu não existo sem você. Intérprete: Elizete Cardoso. In: Elizete Cardoso. **Canção do amor demais**. Rio de Janeiro: Festa, 1958. 1 LP. Lado B, faixa 7.

MORAES, Vinícius; POWELL, Baden. Samba da bênção. Intérprete: Vinícius de Moraes. In: Vinícius de Moraes. **Vinícius: poesia e canção**. Rio de Janeiro: Forma, 1966. 2 LPs. Lado A, faixa 1.

PREDOSA; Inês. **Os íntimos**. Madrid: Aleaguara, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grandes sertões veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice, o social e o político na pós modernidade**. Porto: Afrontamento, 1994.

\_\_\_\_\_. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n.2, p. 46-71, maio/agosto, 1988.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.

FRANÇA (2012). “Tessituras afetivas na produção do conhecimento: apresentação da obra de Caio Fernando Abreu no evento café com livros”

---

VELOSO, Caetano. Livros. Intérprete: Caetano Veloso. In: Caetano Veloso. **Livro**. Rio de Janeiro: Gravadora Universal, 1999. 1 CD. Faixa 2.

**Artigo recebido em 22/fev./2012. Aceito para publicação em 20/maio/2012. Publicado em 1/jun./2012.**

*Como citar o artigo:*

FRANÇA, Thais. “Tessituras afetivas na produção do conhecimento: apresentação da obra de Caio Fernando Abreu no evento café com livros”. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 12 (jan. – jun. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2012. p. 96-109. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.